

A quarta geração construtiva

Paulo Herkenhoff

2023

O século XXI coincide com a quarta geração construtiva, a etapa de maior abertura experimental da relação com a matemática, a topologia, o número, o acaso e improvisos, desastres e a crise do poder, num emaranhado de agendas políticas (da biopolítica à loucura) e conceituais, processos de subjetivação, a explosão do olhar da periferia e um novo ethos, a crítica institucional, a geometria sensível da América Latina, introdução de signos materiais da arte inauditos e o quase nada e o zero.

Ismael Monticelli. A sofisticação metalinguística do projeto de Ismael Monticelli (1987) infiltra perversidade no sistema de arte para corroer o cinismo no campo cultural. Seu opus é o embate contra a percepção mecanizada dos espectadores pavlovianos dos efeitos condicionados como cães. Os ratos aparentam alertar contra a entropia física da arte por efeito da temperatura, água, luz, fogo, fungos e vetores. *Obsessão miúda – proposição vivencial para ratos selvagens* reinterpreta obras concretistas (de Luis Sacilotto e Waldemar Cordeiro) e uma seleção de neoconcretos (Helio Oiticica, Lygia Clark, Lygia Pape, Aluísio Carvão, Frans Weissmann, Amilcar de Castro e Osmar Dillon). As peças convertem a biplanaridade do objeto neoconcreto em tridimensionalidade e daí para o modelo ambiental dos *Penetráveis* de Oiticica Monticelli retoma as bases da poética neoconcreta do plano e cor, na reversão em dimensão planar com Clark (*Casulo* e *Bicho*), Oiticica (*Relevos espaciais*) e Amilcar (escultura como corte e dobra). Nessas estruturas, ratos, à guisa de representação, invadem a obra aberta. No *Manual de instruções para captura de ratos selvagens e sua introdução em vivências subjetivas da cor*, Monticelli propõe um modelo sensorial de percepção da arte em que, por filogênese conceitual, compara traços biocomportamentais dos roedores aos de visitantes de museu. O modelo metacrítico de *Obsessão miúda – proposição vivencial para ratos selvagens* de Monticelli é uma alegoria do olhar. Qual o lugar dos Tatos na arte contemporânea? A erosão, o rebaixamento, a repugnância? Não para ele. A invasão virulenta da higienização da

malha, um princípio basilar do espaço da modernidade, seria a contaminação do sublime pela escatologia?

[Trecho do texto publicado originalmente no livro *Rio XXI: Vertentes Construtivas*, publicado pela FGV Editora, 2023.]